

**O ENSINO DE LITERATURA NUM ESPAÇO GLOBALIZADO:
A PARCERIA DAS NOVAS TECNOLOGIAS NO PROCESSO
ENSINO-APRENDIZAGEM¹**

*Zenildo Santos**

*Maria Vitória da Silva***

RESUMO:

A partir da expansão das tecnologias eletrônicas de comunicação e informação, a sociedade atual adquiriu novas maneiras de viver, de trabalhar, de se organizar, de representar a realidade e de se fazer educação. Isso significa dizer que as mudanças que vêm ocorrendo nos modos de produção de bens materiais no mundo globalizado refletem em todos os setores da cultura e da subjetividade. Numa era que se distingue pela utilização generalizada das tecnologias, impõe-se estudar a relevância da utilização dos recursos tecnológicos no ensino de Literatura, a fim de contribuir para a revitalização da disciplina, acenando com a possibilidade de mudança na formação do educador e do educando. Nesse sentido, é imprescindível promover a Literatura para que se torne além de agradável e produtiva, uma possibilidade de reflexão sobre o ser humano e a sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologia; Informação; Mudança; Ensino de Literatura.

Introdução

Neste artigo pretendemos discorrer a problemática que o ensino de literatura vem enfrentando. Não pretendemos delegar culpas, para não incorrer no risco de fazer julgamentos equivocados, mas discorrer como as tecnologias podem ser parceiras no

¹ Artigo de conclusão do Curso de Pós-Graduação *Latus Sensu* em Literatura e ensino de Literatura, apresentado ao Departamento de Pós-Graduação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – *Campus* de Jequié-BA.

* Aluno concluinte do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Literatura e ensino de Literatura.

** Professora Assistente Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb). Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (Ufscar).

processo de ensino-aprendizagem. Importa registrar concepções de tecnologia, educação e da própria característica de mediação, incentivando uma abordagem dialética desta problemática, analisando o modo como as mudanças são absorvidas pelas pessoas no seu dia-a-dia, especialmente no contexto da sala de aula.

A partir da popularização das tecnologias eletrônicas de comunicação e informação, a sociedade atual adquiriu novas maneiras de viver, de trabalhar, de se organizar, de representar a realidade e de se fazer educação. Isso significa dizer que as mudanças que vêm ocorrendo nos modos de produção de bens materiais no mundo globalizado refletem em todos os setores da cultura e da subjetividade “e antes que um contemporâneo chegue a abrir um livro, caiu sobre os seus olhos um tão denso turbilhão de letras cambiantes, coloridas, conflitantes, que as chances de sua penetração na arcaica quietude do livro se tornam mínimas” (BENJAMIN, 1987, p.28).

O ensino de literatura na globalização: crise a vista

Podemos observar que o ensino de literatura está tangenciando uma crise. O problema situa-se no aluno que não lê, não tem maturidade para entender o fato literário graças ao advento da cultura de massa que obriga o aluno a ler superficialmente? Está no professor que não dispõe de um acervo de estratégias para o desenvolvimento do gosto pela leitura, não conhece suficientemente uma metodologia adequada ao ensino da literatura, ou mesmo, não frequenta com assiduidade os livros literários e a literatura?

O livro didático se vislumbra como uma das principais dificuldades no ensino de Literatura. Salvo as exceções, a obra didática traz roteiros prontos para o estudo do texto literário e predeterminam os tipos de textos, critérios de análises a serem realizados, inclusive com respostas prontas.

Em *Literatura e ensino: uma problemática*, Rocco (1992) afirma ser grande o número de professores que emprega o uso do livro didático como instrumento principal de trabalho em sala de aula. Segundo a autora, a inexistência de material melhor, falta de tempo para preparar as aulas e o enraizamento desse sistema imposto que pelas

“facilidades” (antipedagógicas) apresentadas domina qualquer outro tipo de tentativa que se venha fazer para quebrar tal esquema

as facilidades do manual põe o saber ao alcance da mão e por isso mesmo, congela-nos nas ideias instituídas, destruindo-o, uma vez que o seu uso ‘amarra’ o professor em uma rotina que lhe tira a liberdade e a criatividade [...] Quanto ao aluno o livro dificilmente respeita e estimula a curiosidade crítica, o gosto pela aventura; dificilmente contribui para a construção e solidez da autonomia do ser do educando. (LEITE, 1983, p.38)

Concebido para facilitar e ordenar o trabalho do professor, distribuindo uniformemente o conteúdo durante o ano, o manual faz do professor um repetidor que não se interroga sobre aquilo que se transmite e do aluno, um executor que não se interroga sobre aquilo que se executa.

Nesse sentido, concordamos com as autoras, o uso do livro didático corrobora a omissão do professor, eximindo-se do compromisso de adotar critérios e estratégias de ensino, uma vez que recebe tudo pronto, dos textos às respostas, assim, o professor nega o conteúdo social e político do ensino de Literatura, o que leva a negação da natureza política do processo educativo.

O livro didático pode ainda, se apresentar como uma prática mais perversa. Tendo em vista que o uso do material favorece a “neutralidade” da educação, e Freire (1999) alerta que é através da “neutralidade” que a ideologia dominante se insinua.

Desta forma, a presença do professor não pode passar despercebida dos alunos na classe e na escola, é uma presença em si, política. Enquanto presença não pode ser omissão, mas constituir-se como um sujeito de opções, que deve revelar aos alunos a capacidade de analisar, de comparar, de avaliar, de decidir, de optar, de romper.

Segundo Maria Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar (1988), no indispensável texto *A formação do leitor: alternativa metodológica* - o esvaziamento do ensino da literatura se acentua por diversos motivos. Dentre eles as autoras apontam: a inexistência de uma leitura descompromissada, a falta de estímulo da criatividade e do senso crítico, recorrência de fórmulas prontas e o uso dominante do livro didático com textos

fragmentados e com preocupações meramente gramaticais. Ressaltam que o texto literário é pretexto para o estudo da gramática e não é vinculado à experiência de vida do aluno.

Uma das necessidades fundamentais do homem é dar sentido ao mundo e a si mesmo, e o livro, seja informativo ou ficcional, permanece como veículo primordial para esse diálogo. No entanto, os textos trazidos pelos manuais dificilmente mobilizam o aluno para a busca de novas informações, aguçando seu espírito crítico, permitindo o desenvolvimento de sua criatividade, pois não o despertam para a reflexão, para a curiosidade científica, para a pesquisa e para a leitura. Bordini e Aguiar pressupõem o atendimento aos interesses do leitor na escolha do texto literário como o aspecto fulcral para a aquisição do gosto pela leitura. Entretanto, além desse princípio que deve nortear o ensino da literatura, as autoras identificam outros dois: “a provocação de novos interesses que lhe aguce o senso crítico e a preservação do caráter lúdico do jogo literário” (BORDINI e AGUIAR 1988, p.28).

Em sala de aula, outro fator que figura a crise no ensino de literatura, na relação leitura e a escrita, é a representação concreta de abismo entre gerações. De um lado, o professor, com sua história e sua temporalidade inscritas em modos particulares de leitura, formados com base em sua inserção acadêmica e profissional; e do outro, o aluno, representando o novo trazido por sua geração e pela cultura já modificada que a permeia. Esse abismo que separa as gerações através da ausência de um sentido compartilhado para se compreender os objetos culturais que permeiam as relações entre as pessoas de uma dada época está bem representado com lucidez e eloquência no ensaio de Pasolini (1990), no texto “*Genariello: a linguagem pedagógica das coisas*”, que este faz toda uma argumentação sobre a influência visual das coisas na formação das pessoas.

A Internet, os *games*, os sistemas computacionais interativos geram uma diversidade de suportes para a leitura e a escrita que se apresentam de formas diversas para esses dois personagens – o professor e o aluno. Vale ressaltar que a reflexão sobre o abismo entre gerações deve ser realizada em conjunto com outra questão igualmente importante, ou seja, a do abismo gerado entre culturas, povos e classes sociais com

acessos desiguais aos bens materiais que circulam entre nós no contexto de uma época determinada.

Levando em consideração as questões aqui apresentadas, podemos afirmar que a revolução tecnológica nos coloca um desafio fundamental, qual seja o de compreendermos que estamos diante do surgimento de uma outra cultura, que exige de nós uma adaptação nos modos de ver, de ler, de pensar e de aprender.

O mundo atual caracteriza-se pela pluralidade de formas de compreender a realidade, exigindo o surgimento de novas narrativas no processo de produção do conhecimento. Este fato sugere a necessidade de reavaliarmos as condições atuais de produção do saber e os efeitos da diversidade de experiências sociopolítico-econômicas e das novas tecnologias nas práticas culturais de leitura e escrita.

Essas novas modalidades de leituras estão nos formando, habituando nossos órgãos perceptíveis e intelectuais em novas direções, transformando nossa relação com o conhecimento. A leitura de um livro, por exemplo, exige concentração, um olhar atento e intencional nos signos impressos para extrair o sentido da narrativa textual, já a leitura que fazemos das imagens-signos que circulam de forma intermitente requer dispersão, assim, a nova forma de lidar com o conhecimento já nos habita e entra em conflito com antigas formas de leitura.

Desde as primeiras formas de impressão até as formas mais contemporânea de leitura (televisão, vídeo, *outdoor*, computador, cinema, etc.) percebemos que cada vez é mais difícil uma definição precisa e única de leitura. A velocidade de introdução desses novos meios na sociedade atual não é, muitas vezes, acompanhada por um movimento social e cultural de adaptação das pessoas às mudanças. A forma contemporânea de empreender a leitura rompe com a narrativa contínua e sequencial das imagens e textos escritos e se apresenta como fenômeno descontínuo, dada a sua velocidade.

Velocidade, esse é o termo síntese do *status* espaço temporal do conhecimento na atualidade. Velocidade para aprender e velocidade para esquecer. Velocidade para acessar as informações, interagir com elas e, superá-las com outras inovações. A esse respeito Cortes explica que

“convivendo” quase que apenas com os aparatos eletrônicos atuais, e permanentemente conectados à rede, os jovens brasileiros apóiam nas cifradas mensagens eletrônicas do novo idioma “internetês” e na interação através de e-mails, sites e ferramentas como SMS, o *Orkut* ou o *twitter*, os parâmetros a partir dos quais constituem sua subjetividade individual e social: ansiosos mudam de opinião, de amigos, de sonhos e de amores com facilidade. Suas ações são preferencialmente virtuais, muitas vezes, alienando-os do convívio da família. Com pouca paciência para leitura, com vocabulário restrito, suas dificuldades de expressão escrita são notórias. (CORTES, 2009, p.50).

Assim, se o narrador sabia contar histórias e mantinha uma relação artesanal entre a linguagem e a vida humana, hoje a informação é um jogo de linguagem que se assemelha à velocidade com que as coisas no mundo moderno são rapidamente substituídas, transformando-se em mercadoria, até mesmo as palavras que circulam entre as pessoas.

Essa forma contemporânea de empreender a leitura/literatura se dá, segundo Bosi (2002), ao advento da literatura de massa. Em *os estudos literários na era dos extremos* o autor elenca os pseudo benefícios desse tipo de literatura: a) projeção direta do prazer terror; b) a desmaterialização da literatura pela imagem visual; c) a transparência que nega a mediação; d) a substituição dos efeitos poéticos do significado e significante pelos efeitos imediatos e especiais, ou seja, a mídia em função do interesse popular no imediato, sintético, simplificado e traduzido.

Buscando entender a relação entre escritor e público na Era dos Extremos, Bosi elucida que

O indivíduo-massa, a personalidade construída a partir da generalização da mercadoria, quando entre no universo da escrita (o que é um fenômeno deste século), o faz com vistas ao seu destinatário, que é o leitor-massa, faminto de uma literatura que seja espetacular e espetacular. Autor e leitor perseguem a representação do show da vida, incrementado e amplificado. Autor-massa e leitor-massa buscam a projeção direta do prazer ou do terror, do paraíso do consumo ou do inferno do crime - uma literatura transparente, no limite sem mediações, uma literatura de efeitos imediatos e especiais, que se equipare ao cinema documentário, ao jornal televisivo, à reportagem ao vivo [...] o filme, imagem em movimento, teria tornado supérflua, para não

dizer indigesta, a descrição miúda [...] Uma cena de um minuto supriria, no cinema, o que o romancista levou mais de uma dezena de páginas para compor e comunicar ao seu leitor (BOSI, 2002, p.109).

Já não podemos mais ignorar o crescimento da “cultura de massa”, pois ela reproduz a arte catártica do homem contemporâneo, por ser a linguagem que o representa. Precisamos atentar e impedir a massificação total da literatura assim como de outras artes, resgatando o encantamento do livro. Precisamos enxergar a “cultura de massa” enquanto verdade efetiva dos fatos e lidar com ela de forma dialética, criando uma práxis pedagógica que associa a cultura escolar, erudita e literária a esses elementos de massa.

Enfim, o esvaziamento do ensino da literatura, o destinatário a quem se dirige este ensino convive permanentemente com fontes diversas de estimulação da fantasia, outros veículos e linguagens, como cinema, televisão e a própria Internet. Bordini e Aguiar (1988) enfatizam que o primeiro passo para a amenização desta crise se dá através de uma real aproximação desse universo massificado. O livro didático, um dos recursos mais utilizados pelos professores em sala de aula, além da cultura oficial, deveria contemplar a junção destas linguagens.

Modos contemporâneos de empreender a leitura.

Atualmente, percebe-se que os alunos ao chegarem ao ensino médio apresentam imensas dificuldades de leitura / interpretação de textos e que as aulas de Língua Portuguesa até então, não estão privilegiando a leitura e sim o estudo de gramática normativa. E essa abordagem tradicional da linguagem é uma das causas para as dificuldades do ensino de Literatura.

Diante dessa realidade, percebe-se que não há interação entre o aluno e o texto literário. Por não entender que se trata de uma linguagem artisticamente trabalhada e não compreender seu vocabulário, que muitas vezes é de outro século, o aluno cria um distanciamento em relação à Literatura e acaba aceitando a interpretação do professor sem promover um diálogo com o texto.

A tradicional aula de Literatura em que predomina a memorização das características de estilos de época, nome de autores e obras não atende mais às necessidades educativas dos alunos. De acordo com os PCNEM, a seleção de conteúdos não mais privilegiará a memorização de informações, mas será baseada em eixos estruturadores da Área de Códigos e suas Tecnologias.

Para se conseguir que o aluno se torne um leitor crítico, o ensino deve colocar o texto como uma possibilidade de reflexão e recriação, associando a atividade de leitura à produção de outros textos pelos alunos e facilitando a expressão de suas visões sobre o texto.

Segundo Levy (1996), desde suas origens o texto é um objeto virtual, abstrato, independente de um suporte específico (livro, jornal, revista, internet). É virtual porque tem a capacidade de ser atualizado de múltiplas formas em diferentes versões, traduções, edições, etc. Para o autor, interpretar um texto é levar adiante essa "cascata" de atualizações. Cada leitura é uma atualização de um texto e essa atualização é sempre provisória e sempre renovada a cada nova leitura onde são incorporados novos repertórios, novos autores e, conseqüentemente, novos sentidos.

Em nossa sociedade multimídia qualquer produção ou criação pode ser atualizada de diferentes formas. Uma experiência torna-se um filme, transforma-se em livro, vira um jogo que depois dá origem a uma história em quadrinhos e a outros textos e filmes "adaptados", "inspirados" uns nos outros.

Para ele, ler é começar a negligenciar, ou seja, a "desler" o texto. "O "desler" é a seleção que fazemos de acordo com o nosso repertório. Desler é ler o que pode ser lido por nós de acordo com a nossa bagagem. É tirar do texto só o que faz sentido para nós e desligar todo o resto"(LEVY, 1996, p.62). O autor explica que quando lemos um texto ele é esburacado, riscado, cheio de brancos. Os buracos, riscos e brancos são feitos por nós e são as palavras, as frases que não compreendemos, não consideramos e deixamos de lado em nossa leitura.

Ao falar de texto e de leitura ele nos mostra que a atividade do leitor independe do suporte. Ele constrói interpretações em diferentes textos impressos, em textos fílmicos,

em textos da rede, em textos da TV, em textos das obras de arte. A leitura é algo que é sempre recortado pela subjetividade do leitor. Dessa forma, podem ser entendidos como "textos" quaisquer suportes que atualizem a nossa visão do mundo: filmes, livros, jornais, revistas, lugares, experiências.

Ao falar sobre a atualização, Levy relaciona a sua concepção de leitura e de texto ao hipertexto. "O hipertexto é a hierarquização e seleção de sentidos, a ligação entre diferentes áreas"(LEVY, 1996, p.68). Assim, a noção de hipertexto nada mais é que a exteriorização da atividade mental que nós fazemos ao ler.

Ele ainda chama a atenção que não fazemos leituras hipertextuais apenas na internet. A pesquisa realizada na biblioteca na qual através de uma referência se chega a outras variadas também é uma leitura hipertextual, segundo o autor. Com isso, afirma que o hipertexto é uma nova "facilitação" de leitura com um suporte diferente e esse suporte cria novo tempo e novo espaço.

A questão que se coloca aqui é o nascimento de uma nova noção de texto e de aprendizagem também. Podemos perguntar: texto para quê? Que novas funções esse texto eletrônico cumprirá em nossa sociedade? Como se formarão as novas gerações já nascidas sob a vigência desse novo texto? Que idéia de escrita terão estes que desde bebezinhos convivem com a internet, a televisão, o vídeo-game e todas as tecnologias da atualidade? Que texto essa geração construirá? As mesmas perguntas podem ser feitas referindo-se à aprendizagem.

O que fica dessa discussão é a certeza de que a noção de texto está mudando, ou melhor, de que está surgindo outra ideia de texto e de escrita. E toda mudança causa um misto de conforto e temor. Regina Zilberman (2001) nos mostra parte deste temor nos remetendo aos diagnósticos pessimistas da atualidade que acompanham a valorização do livro e, ao mesmo tempo, proclamam o fim da era do livro e sua substituição por equipamentos mais desenvolvidos de comunicação eletrônica junto ao fascínio exercido pela internet. Segundo ela, a leitura nunca foi tão prestigiada, isso pelo medo que se tem de perdê-la.

No entanto, ela nos lembra que nem sempre foi assim. Quando a prática da leitura começou a expandir-se no começo da era moderna e a ocupar maiores grupos sociais foi considerada como corporificação do mal. Qualquer semelhança deste temor relacionado à leitura ao temor que hoje atribui-se à internet e as novas tecnologias, e que já atribuiu-se mais fortemente à televisão não deve ser mera coincidência. A relação com a leitura, a televisão, a internet são sempre carregadas de temores a respeito dos "efeitos" que estas podem produzir em seus leitores, telespectadores, usuários. E por que esses "efeitos" parecem ser vistos sempre como algo ruim? A ideia de "efeito" já nos dá a impressão de que apenas os suportes agem sobre nós e que nós não agimos sobre eles.

Podemos levantar a discussão: o texto virtual acabará com o texto escrito? O debate sempre presente ao advento de qualquer novo meio de comunicação que supõe que o novo substitui o velho. Sabemos que um novo meio somente substitui o anterior quando é capaz de superá-lo, ou seja, quando é capaz de executar todas as funções do anterior ainda com alguma vantagem/praticidade, mas não quando o faz de forma totalmente diferente daquele. Assim, temos o caso da máquina de escrever e do computador, dos toca-discos e do CD. Os meios posteriores passaram a executar o que os anteriores faziam acrescentando a esses algumas vantagens. Mas como vimos aqui nesse diálogo com Levy o texto virtual não substitui o texto escrito, mas é sim um novo conceito de texto. Cada um deles tem as suas especificidades.

Novas Tecnologias e ensino de Literatura, parceira no processo ensino-aprendizagem.

A sociedade contemporânea é caracterizada pela diversidade de linguagens, devido à constante inserção de meios de comunicação. A adaptação de práticas de ensino visa melhorar a qualidade, explorando a aplicação de imagens, movimentos, músicas e artes, moldando um universo imaginário transposto sobre a realidade que será trabalhada no conteúdo em sala de aula. De acordo com os PCNEM,

As novas tecnologias da comunicação e da informação permeiam o cotidiano, independente do espaço físico, e criam necessidades de vida e convivência que precisam ser analisadas no espaço escolar. A televisão, o rádio, a informática, entre outras, fizeram com que os homens se aproximassem por imagens e sons de mundos antes inimagináveis. (...) Os sistemas tecnológicos, na sociedade contemporânea, fazem parte do mundo produtivo e da prática social de todos os cidadãos, exercendo um poder de onipresença, uma vez que criam formas de organização e transformação de processos e procedimentos. (PCNEM, 2000, p.24-25)

O professor utilizando diferentes fontes de informação renova sua metodologia de ensino, busca novos saberes, propicia oportunidades de construção e conhecimentos por parte de seus alunos.

Saber quando usar a tecnologia em sala de aula e como utilizar esses novos recursos é uma tarefa do professor, segundo Lolito, citada por Polato “a tecnologia tem um papel importante no desenvolvimento de habilidades para atuar no mundo de hoje” (2009, p.51).

Pensar no uso das tecnologias nas aulas de literatura é abrir um leque de opções para o trabalho do professor. Entretanto, o uso dessas tecnologias exigirá dele monitoramento, reflexão da ação e avaliação do fazer pedagógico.

Os desafios contemporâneos requerem um repensar da educação, diversificando os recursos utilizados, oferecendo novas alternativas para os indivíduos interagirem e se expressarem. E esse ato envolve diversificar as formas de agir e de aprender, considerando a cultura e os meios de expressão que a permeiam. Sob tais desafios, a era digital envolve novas possibilidades para os indivíduos realizarem suas ações em contextos distintos e com mídias diferenciadas. As tecnologias de informação e comunicação podem favorecer a constituição de uma teia entre a escola e o cotidiano no qual o indivíduo atua, configurando novos caminhos para ele interagir e desenvolver suas constantes compreensões sobre o mundo e sobre a sua cultura.

Diante dessas constatações e desafios, o uso de mídia em contextos educacionais requer práticas que instiguem novas possibilidades de aprendizagem e a vivência de processos criativos, com diálogos e interações múltiplas. As possibilidades a seguir não

pretendem ser um manual de operações e nem tampouco, passo-a-passo de como dar aula. São possibilidades de uso da tecnologia em sala de aula.

Integrar dentro de uma visão inovadora todas as tecnologias: as telemáticas, as audiovisuais, as textuais, as orais, lúdicas e corporais significam uma mudança qualitativa no processo ensino-aprendizagem. Dessa forma, o professor tendo uma visão pedagógica inovadora, aberta que pressupõe a participação dos alunos, pode utilizar algumas ferramentas simples da internet para melhorar a interação entre todos e dinamizar o aprendizado.

Internet

Com a internet o professor pode modificar mais facilmente a forma de ensinar e aprender. Os caminhos dependerão da situação concreta em que o professor encontrar: número de alunos, tecnologias disponíveis (tanto na escola quanto em casa) duração das aulas e ainda apoio institucional.

Para começar, o professor pode criar uma página do grupo na internet, como espaço virtual de encontro e divulgação. Há vários hospedeiros grátis que possibilitam essa ferramenta.

Lista eletrônica/Fórum literários/grupos:

Em relação à internet, com os *e-mails* de todos é possível criar uma lista interna da turma ou um fórum. A lista eletrônica ajudará a criar conexão virtual entre o professor e os alunos, a compartilhar informações importantes para o grupo, orientação bibliográfica, de pesquisa, a dirimir dúvidas, trocas de sugestões e envios de textos e trabalhos. Os grupos unem pessoas em um único endereço de e-mail, tornando possível a troca de mensagem entre os membros do grupo.

Criar *Blogs* literários

Os *blogs* são ferramentas de compartilhamento de arquivo, em geral sob forma de diário com a última entrada no topo da página, permite divulgação de textos com

possibilidade de serem comentados livremente. Criando um *blog* literário o professor pode estimular a publicação dos trabalhos dos alunos, como forma de motivação, sem falar que permitem disponibilização de textos, sons, imagens. Como aduz Demo

deve servir facilmente textos à avaliação de pares, provocando 'feedback' rápidos e atualizados. Uma de suas particularidades mais apreciadas é estender a discussão para além da sala de aula, em ambiente de esfera pública, na qual vale a força sem força do melhor argumento (2009, p.38).

Realizar e publicar vídeos.

Câmeras digitais, filmadora são recursos tecnológicos que a maioria das escolas possui. Solicitar que os alunos produzam vídeos e publicar o resultado é muito fácil nos dias de hoje. Uma maneira simples de compartilhamento de vídeo é através dos sites *youtube.com* e *4shared.com*. Esses sites funcionam como um HD virtual e torna o conteúdo acessível a todos os públicos.

E-portfólio

São coleções eletrônicas de documentos e outros objetos que sustentam necessidades individuais dos estudantes com respeito ao que está sendo ventilado na bimestre. O desafio é envolver os estudantes no sentido de que saibam manter e atualizar seus *e-portfólio*.

O melhor do *e-portfólio* talvez seja a oportunidade de o estudante assenhorear-se de sua própria trajetória de estudo, exercitando autocontrole produtivo [e ainda] podem atingir a condição de plataforma sempre a caminho da reflexão crítica do estudante, ao permitir comparar fases, desenhar etapas, perseguir objetivos mais adiantes e testar as condições de progresso. (DEMO, 2009, p.42).

Ferramentas de construção colaborativa

Professor e alunos podem construir conhecimentos coletivamente. O *wikispaces* é uma ferramenta que possibilita que um usuário adicione informações ao conteúdo exposto, a exemplo da *Wikipédia* (enciclopédia eletrônica construída com informações

adicionadas por vários usuários). Nesse caso a turma pode ter seu próprio *wiki*, onde poderá acrescentar informações, comentários ao conteúdo literário estudado.

A premissa fundamental da construção das ‘*wikis*’ é a crença na construção compartilhada de conhecimento, algo fundamental para aprender bem; nesse sentido a proposta é centrada no aprendiz [...] havendo tendência – em nome da qualidade perseguida pelo grupo – de dispensar a desinformação e o conhecimento malfeito ou dúbio, fomenta-se a autoridade do argumento; o texto vigente não vige por autoridade, mas pela qualidade da argumentação argumento (DEMO, 2009, p.40).

Aulas-pesquisas

Outro aspecto significativo é a possibilidade de introduzir a prática da pesquisa em sala de aula, ou seja, transformar professores e alunos em sujeitos pesquisadores, pois essa atividade poderá deflagrar um processo de ruptura com paradigmas estereotipados, abrindo espaço para o novo com a constituição de novos sujeitos, aluno e professor, autônomos e capazes de interferir e modificar o seu meio.

O professor pode transformar parte das aulas em processos contínuos de informação, comunicação e pesquisa, onde será construído o conhecimento equilibrando o individual e o grupal, entre o professor facilitador e alunos participantes ativos.

Nas aulas-pesquisas, professores e alunos procuram novas informações, cercam um problema, avançam em um tema “desconhecido”. O professor motiva, incentiva dá os primeiros passos para sensibilizar o aluno para o valor da ação que vai fazer para a sua participação nesse processo.

Os grandes temas literários são coordenados pelo professor, mas pesquisados pelos alunos, às vezes individualmente, ora todos simultaneamente, ora em grupo. As pesquisas na internet podem começar de forma aberta, com indicação de temas sem referência a sites específicos ou com sugestão de endereço. As pesquisas também podem ser focadas, mais específicas. Os textos e materiais que parecem propícios são arquivados, impressos ou encaminhado para todos através da lista eletrônica.

O professor ajudar a contextualizar, ampliar o conteúdo pesquisado pelos alunos, a problematizar, a descobrir novos significados no conjunto das informações trazidas.

Vídeo

Aparelhos de DVD, TV ou mesmo TV *pendrive*, são recursos que a maioria de nossas escolas dispõe. Assim é inegável afirmar que o vídeo já chegou a sala de aula. E ele tem a função de ajudar o professor e dinamizar sua aula atraindo a atenção dos alunos. O vídeo está ligado, literalmente ao uso da TV e por isso, traz consigo a ideia de lazer e entretenimento, e essa ideia também chega à sala de aula. A maioria dos alunos comunga a opinião que a exibição de um vídeo é um descanso e não uma aula, e isso prejudica a postura e expectativa em relação ao uso.

Para Moran (2005) “Vídeo significa também uma forma de contar multilinguística, de superposição de códigos e significações, predominantemente audiovisuais, mais próxima da sensibilidade e prática do homem urbano e [...] mas apoiada no discurso verbal-escrito”.

O autor elenca as inadequações do uso do vídeo em sala de aula, o que corrobora a sensação de lazer, sendo uma delas a função de tapa buraco, exibido para disfarçar um problema existente; o vídeo enrolação aquele que não tem ligação com a matéria; só vídeo quando há exibição sem discussão, entre outros.

Com essa ferramenta em sala aula, a utilização dessa tecnologia deve atentar para fins de sensibilização para despertar a curiosidade; ilustração mesmo que não seja tão fiel, um vídeo pode trazer para a sala de aula realidades distante dos alunos; integração/suporte com outras mídias.

Ao exibir um vídeo, o professor deve casar a proposta metodológica com o objetivo, a análise é fundamental para o professor de Literatura. Esse é o arremate que propiciará aos alunos o desenvolvimento da “aula-vídeo”, já que “a linguagem audiovisual desenvolve múltiplas atitudes perceptivas: solicita constantemente a imaginação e reinveste a afetividade com um papel de mediação primordial no mundo”. (MORAN, 2005).

Conclusão

Os novos caminhos configurados com os elementos tecnológicos podem, potencialmente, ampliar as maneiras com que os indivíduos realizam algumas atividades, as formas de interação e os espaços de socialização de saberes, emoções, afirmações, investigações e indagações.

Diante das possibilidades de uso desses referenciais culturais em contextos educacionais, há necessidade de se desenvolver propostas de trabalho que utilizem vários tipos de tecnologias e meios de comunicação em atividades pedagógicas. As atuais tecnologias de comunicação apresentam novas possibilidades para o indivíduo vivenciar processos criativos, estabelecendo aproximações e associações inesperadas, juntando significados anteriormente desconexos e ampliando a capacidade de interlocução por meio das diferentes linguagens que tais recursos propiciam.

Diante das inúmeras possibilidades pedagógicas que as diferentes mídias oferecem, da complexidade da realidade que o aluno vive atualmente, das mudanças de representações, valores sociais e saberes disciplinares, a educação necessita ser repensada, diversificando os recursos que utiliza (BRITO e PURIFICAÇÃO, 2008). Há necessidade de se oferecer alternativas para que o aluno possa representar e expressar o conhecimento e, assim, aprender a orientar-se e a encontrar referências que permitam, de forma significativa, analisar, selecionar, interpretar e fazer uso da avalanche de informações que recebe diariamente. Repensar a educação, considerando a cultura e os meios de expressão que a permeiam, tem a função de potencializar a interpretação do que está sendo aprendido a partir de diferentes pontos de vista, favorecendo a tomada de consciência dos alunos sobre si mesmos e sobre o mundo do qual fazem parte.

Propostas educacionais baseadas no uso de várias mídias e recursos tecnológicos são fundamentais para ajudar o aluno a compreender a realidade, examinar os fenômenos que o rodeiam de uma maneira questionadora, contribuindo, não só diante das experiências cotidianas, mas também diante de outros problemas e realidades.

Na atualidade temos a oportunidade e o desafio de repensar os contextos educacionais abrindo espaço às novas possibilidades tecnológicas. Há que se considerar o

fato de que os espaços e tempos educativos estão ligados às formas de comunicação, às linguagens utilizadas, aos meios empregados, às interações que surgem no contexto em que a ação educativa ocorre. As novas configurações possibilitadas pelas tecnologias da comunicação e da informação aportam novas dimensões que permitem estruturar contextos educativos, especificamente o ensino de Literatura, tornando-o mais ricos, variados e prazeroso. Para Alves (2001), tais reestruturações se tornam possíveis quando se permite “incluir o mundo na aula” e a “aula no mundo”, fazendo, assim, caírem alguns dos fortes muros conceituais, arquitetônicos e tecnológicos. Assim, acredita-se que o uso das novas tecnologias da informação e da comunicação, no cotidiano escolar, podem e devem contribuir para a formação de professores e alunos leitores cada vez mais críticos.

TEACHING LITERATURE IN A GLOBALISED SPACE: THE PARTNERSHIP OF NEW TECHNOLOGIES IN TEACHING-LEARNING PROCESS

ABSTRACT:

From the expansion of the new technologies of communication and information, the actual society has gotten new ways to live, to work, to organize themselves and make the reality come true of a new way to make education. That is, the changes that come in a new mode production in a globalized world reflect in all cultures and the subjectivity. In a period of time that is marked of the generalizated technology utilization, it's crucial to study the relevance of the Literature teaching and its technological resorts in order to contribute to the rebirth of this discipline and the possibility of majoring the educator and the scholar. In this case, it's indispensable to promote the Literature so that it becomes more pleasant and productive, and a possibility to think about the human being and the society.

KEY-WORDS: Technology; Information; Change; Literature Teaching.

Referências

- ALVES, Nilda (Org). *Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira. *Literatura: A formação do leitor: Alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- BRASIL, Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

- BRITO, Gláucia da Silva. PURIFICAÇÃO, Ivonélia da. *Educação e novas tecnologias: um repensar*. 2ed. Curitiba: Ibipex, 2008.
- BOSI, Alfredo. Os Estudos Literários na Era dos Extremos. In: _____. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- CEREJA, William Roberto. *Ensino de Literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura*. São Paulo: Atual, 2005.
- CORTES, Helena Sporlede. Mídia e juventude: reflexões (educacionais) sobre a cultura contemporânea. In.: SOUZA, Rui Antonio de (org.). *Culturas juvenis dinamizando a escola*. Porto Alegre: Edipucrs, 2009.
- DEMO, Pedro. *Educação hoje: novas Tecnologias, pressões e oportunidades*. São Paulo: Atlas, 2009.
- FREIRE, Paulo. Ensinar é uma especificidade humana. In: *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- FREIRE, Wendel. *Tecnologia e Educação: as mídias na prática docente*. RJ: WAF, 2008.
- LEITE, Lígia Chiappini Moraes. *Invasão da catedral: Literatura e ensino em debate*. Porto Alegre: Mercado Aberto: 1983.
- LEVY, Pierre. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.
- MORAN, José Manuel. O Vídeo na Sala de Aula. Revista Comunicação & Educação. São Paulo, ECA-Ed. Moderna: 27 a 35, jan./abr. 1995. Disponível em <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/vidsal.htm#propvideo>> acessado em 05 jan 10.
- PASOLINE, Píer Paolo. *Os jovens infelizes*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- POLATO, Amanda. *Tecnologia + conteúdos = oportunidades de ensino*. Revista Nova Escola. Ano XXIV, nº 223, junho/julho 2009.
- ROCCO, Maria Thereza Fraga. *Literatura-Ensino: Uma Problemática*. São Paulo: Ática, 1992.
- ZILBERMAN, Regina. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: editora SENAC São Paulo, 2001.

Recebido em 29/09/2011.

Aprovado em 17/11/2011.